

POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: CARTAS SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS NEGROS/AS

Ingrit Yasmin Oliveira da Silva Batista¹

Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula²

O presente texto visa relatar a pesquisa desenvolvida na dissertação de Mestrado intitulada Cartas sobre o meu “eu”: trajetórias escolares de professore/as negros/as, do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Estadual de Maringá - UEM, defendida no segundo semestre do ano de 2019.

Neste estudo, participaram seis docentes negros/as, sendo quatro mulheres e dois homens, que atuam em turmas do 1º ao 5º Ano do Ensino Fundamental de cinco diferentes escolas públicas municipais da cidade de Campo Mourão – PR. O objetivo desta pesquisa, consistiu em verificar, através das narrativas de professores escritas em cartas, quais as representações sobre a Cultura Afro-Brasileira e Africana em suas vidas e nas práticas pedagógicas das escolas que trabalham.

Para alcançar este objetivo, foi estabelecida a seguinte questão problemática: Como os/as negros/as foram retratados/as no currículo das escolas nas quais você estudou e na escola atual? Foram realizados encontros com os/as educadores/as com explanações sobre a pesquisa e solicitadas as produções de cartas com as temáticas relacionadas às formas de trabalho nas escolas sobre as questões étnico-raciais.

A pesquisa se caracterizou como qualitativa e os procedimentos metodológicos e instrumentos utilizados se constituíram na produção das cartas, e os fundamentos teóricos estiveram voltados aos Estudos Culturais.

¹ Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. E-mail: prof.ingrityasmin@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE/UEM) da Universidade Estadual de Maringá – UEM. E-mail: erciliaangeli@yahoo.com.br

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Tomaz Tadeu da Silva (2004) destaca que os estudos culturais se diversificaram nos diversos países que difundiram, portanto, subdividiram-se em perspectivas teóricas e influências disciplinares. Portanto, a proposta curricular das escolas deve ser pautada em um currículo multicultural, isso significa, segundo Ana Canen (2007, p. 94), que os currículos e práticas pedagógicas devem considerar “[...] a pluralidade de raças, gêneros, religiões, saberes, culturas, linguagens e outras características identitárias para sugerir que a sociedade é múltipla”, e assim inseri-las no ambiente escolar.

No estudo, foram analisadas as concepções dos/as professores/as sobre como os/as negros/as são retratados no currículo das escolas e como a sua prática pedagógica se encontra vinculada à Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Os/as participantes da pesquisa possuem a faixa etária entre 36 a 53 anos de idade e todos/as têm dedicação exclusiva de 40 horas semanais em escolas públicas municipais. Quanto à formação acadêmica, todos/as estudaram em instituições públicas às quais atendem de maneira presencial, exceto uma educadora que concluiu sua graduação em uma faculdade privada que oferta ensino à distância – EAD, e portanto são graduados/as em Curso Superior e possuem Pós-graduação em nível Lato Sensu em áreas da educação.

Para a coleta de dados, os/as participantes foram informados/as sobre os procedimentos éticos da pesquisa. Foram esclarecidos os objetivos do trabalho e entregues os Termo de Compromisso Livre Esclarecido, uma autodeclaração que se consideram negros/as, e que deveriam escolher um nome fictício para preservar a identidade deles/as. Ainda foram informados/as de que a participação na pesquisa era voluntária, a fim de que estivessem cientes da veracidade e da ética da pesquisa para que a autorizassem.

Nesta pesquisa, as cartas foram utilizadas como narrativas, pois os/as participantes contaram sobre suas histórias pessoais e profissionais, bem como acerca da relação que possuem com a cultura afro-brasileira e africana, pois como fomenta Portal (2012, p. 90) “[...] as cartas podem ser um instrumento desvelador na construção do ser professor”.

O Brasil é um país racista. Todavia, é preciso considerar que existem diversas maneiras na tentativa de incluir a população negra na sociedade brasileira, em especial na escola. Existem leis que trouxeram mudanças significativas para negras e negros, pois com a implementação da Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003, tornou-se obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-

Programas organizadores



III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Brasileira e Africana no currículo escolar (BRASIL, 2003). Tal lei é um marco histórico para que os estudos da negritude sejam visibilizados no ambiente educacional.

Diante disso, alguns fatores interferem no cumprimento da lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003), tornando-a insatisfatória, conforme relata o autor a seguir.

a) falta de material; b) falta de projeto coletivo de articulação; c) dificuldades em se trabalhar com a temática afrodescendente; d) falta de tempo; e) falta de embasamento teórico e prático para se trabalhar com o tema; f) a falta de condições teórico-práticas para usar o conteúdo como instrumento para o exercício de uma didática do antipreconceito; ou seja, falta de praticamente tudo (ONASAYO, 2008, p. 117).

Além desses fatores, as cartas dos/as docentes revelam que para pessoas negras ainda é difícil dialogar sobre aquilo que as inquieta e incomoda. Por isso, muitas vezes se silenciam em vez de se posicionar. Gomes (2003) reverbera a necessidade de ações didáticas voltadas a tal temática e destaca que,

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável quando discutimos, nos processos de formação de professores, sobre a importância da diversidade cultural? (GOMES, 2003, p. 171).

O excerto acima faz repensar se as escolas realizam um trabalho efetivo de encontro ao ensino da Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Em um trecho da carta de um dos professores, ele faz o seguinte relato ao lembrar sobre seu processo formativo, e ressalta que,

Nunca a nossa cultura foi retratada nos colégios estaduais aos quais estudei, **sempre vi e li o mundo a partir da perspectiva branca, nunca ele foi me apresentado pela ótica da perspectiva negra de certa forma nossa cultura foi e ainda é apagada**. Eu sou um negro de família numerosa éramos em 09, 05 homens e 04 mulheres, e **para as mulheres negras pobres era muito mais difícil e insuportável**. Só hoje vejo como era insuportável porque ser mulher, negra, pobre e morar afastada dos redutos das grandes cidades. Com certeza estava fadada ao analfabetismo e aos subempregos que, na maioria, era contratada para tomar conta dos filhos dos brancos e literalmente tinham uma escrava em casa e acabávamos perdendo nossas irmãs. No meu caso, perdi duas. (JOTA ELE, 2019, sic Trecho extraído da carta, grifo nosso).

Programas organizadores



III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

O professor suscita que durante o período de escolarização enxergava o mundo sob a ótica branca, visto que não lhe foi apresentada representações sobre os/as negros/as nas escolas nas quais estudou.

Portanto, acredita-se que, “a formação inicial e contínua de nossos profissionais é o elemento essencial para melhorar a qualidade de nossos sistemas educacionais [...]” (ESTEVE, 2004, p. 160).

As análises dos dados obtidos com as cartas evidenciam que, os/as docentes reconhecem que a lei contribui para desmistificar os preconceitos cristalizados acerca da população negra. No entanto, revelam que nas escolas em que atuam, ainda há a ausência da abordagem em relação a temáticas voltadas a negritude, pois são lembrados no ambiente escolar apenas em datas comemorativas, sem que haja reflexão e compromisso por uma educação antirracista. Ademais, faz-se necessário “[...] questionar com profundidade a própria universidade pública brasileira enquanto instituição responsável pela produção do conhecimento. É preciso descolonizar os currículos e o conhecimento” (GOMES, 2017, p. 117-118).

Como resultados, observa-se que, os/as docentes denunciaram a maneira com as quais eram retratados/as nos currículos durante a escolarização, no qual seus/suas educadores/as privilegiavam a cultura eurocêntrica e invisibilizavam a história e memória de negros/as e seus descendentes.

Palavras-chave: Cartas Pedagógicas. Educação Antirracista. Formação de Professores.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

CANEN, Ana. **O multiculturalismo e seus dilemas:** implicações na educação. Comunicação e política, v. 25, n. 2, p. 91-107, 2007.

ESTEVE, José Manuel. **A Terceira Revolução Educacional:** a educação na sociedade do conhecimento. São Paulo: Moderna, 2004.

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd
Programa de Pós-Graduação
em Educação

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

GOMES, Nilma Lino. **Identidade Negra e Formação de Professores:** um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador:** saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, Rj: Vozes, 2017.

ONASAYO, Claudemir Figueiredo Pessoa. **Fatores Obstacularizadores na Implementação da Lei 10.639/03 de História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Perspectiva dos/as Professores/as das Escolas Públicas Estaduais do Município de Almirante Tamandaré-Pr:** Curitiba 2008. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Paraná. Curitiba 2008.

PORTAL, Leda Lisia Franciosi; ZANCAN, Silvana; AMARAL, Lisandra; FLORENTINO, José; SPAGNOLO, Carla; NETTO, Carla. **Cartas:** um instrumento desvelador que faz a diferença no processo educacional. Revista Educação por Escrito – PUCRS, v.3, n.1, jul. 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Programas organizadores

